

Estes Dois Corações

Uma história sobre o Irmão Columba O'Neill, C.S.C

Escrito pelo Irmão Ernest Ryan, C.S.C

Primeiro Capítulo

Aproximava-se a escuridão. De ambos os lados dos trilhos, cabanas de mineração se amontoavam como que para aquecer-se mutuamente. Aqui e ali, começavam a cintilar luzinhas amarelas através das janelas cobertas de poeira de carvão. As luzes projetavam débeis sombras sobre os amontoados de neve, uma neve mesclada de azul e preto.

O inverno chegara cedo para Mackeysburg, Pennsylvania no ano de 1848. Já então, o chão se cobria de neve durante mais de uma semana e era apenas o dia quatro de novembro. Mas é fato que a neve numa vila de mineração pode significar apenas uma coisa para aqueles que lá estão: mais e mais lama. Quase no mesmo instante em que caem os primeiros flocos, estes se escurecem sob a fumaça e sob a poeira da brasa que encontra sempre um caminho de chegar a todas as coisas.

Se um estranho vagasse através dos trilhos, ele teria dificuldade de distinguir uma pequena cabana de outra mesmo com a luz do dia. Ainda assim, para o doutor da vila naqueles dias, cada casebre era absolutamente distinto até mesmo através da escuridão iminente.

Naquele momento, e apesar do frio prematuro, muitas pessoas traçavam seu caminho apressadamente, com a gola de seus casacos levantada contra o vento.

Uma figura ali era bastante inusitada. Consistia num homem alto, de idade, bem protegido contra o frio, carregando uma mochila preta e acompanhado por duas crianças pequenas. Eles seguiam seu percurso em silêncio.

De repente, uma voz rompeu o escuro silêncio:

"Boa tarde, doutor! Não me diga que alguém está doente hoje."

O homem alto com as duas crianças ergueu seu rosto, um rosto que estivera até então pesado demais com seus pensamentos para poder enfrentar o clima.

"Boa tarde, George," ele falou, reconhecendo a voz do homem que o havia chamado. "Bem, sim," ele continuou, lentamente, "mas não é nada sério. Mas um neném chegando para os O'Neills."

Dizendo isto, o doutor meteu outra vez o rosto no cachecol e continuou o seu percurso. Nenhuma palavra mais lhe veio do outro homem. Pois tudo que se relaciona a casamentos, nascimentos e mortes era habitual em meio à monotonia da vila de mineração.

"Aqui está nossa casa, doutor," disse uma das crianças ao seu lado, da família O'Neill, com voz fina e aguda.

"Sim, querida, eu sei," respondeu o doutor, sem levantar seus olhos do chão.

Uma lâmpada de querosene descansando sob a janela da frente da casa lançava uma luminosidade pálida dentro e fora do pequeno casebre. Aquela lâmpada fora posta ali para receber o doutor e acabava servindo para enfatizar, de certa forma, a fuligem no exterior e a limpeza do lado de dentro.

"Entre, pode entrar, doutor!" disse Michael O'Neill. "Estávamos esperando por você. Graças a Deus você estava livre para vir!"

"Você não está ansioso, está, meu filho?" sussurrou o doutor, enquanto apoiava sua mochila na mesa e removia o cachecol e o sobretudo.

"Não, doutor. Deus tem estado sempre ao nosso lado".

Passada uma hora, encontravam-se os quatro filhos da família O'Neill fitando com fascínio e choque o seu mais novo irmãozinho no meio de quentes cobertas.

Na porta da cabana, o doutor falava em tom sério a Michael O'Neill:

"Não contei isso a Ellen, mas o pequenino nasceu com a condição do pé torto congênito. Você pode avisá-la mais tarde, se preferir assim. Mas, de qualquer forma, ela logo descobrirá por conta própria. Não há nada que possa ser feito a respeito."

O doutor se esforçava por dar a notícia com tanta gentileza quanto possível. A sensação de que ele lançava uma sombra em meio a uma situação tão radiante era terrível; ainda assim, ele sentia que era seu dever proceder assim.

"Eu voltarei pela manhã, Mike. Ellen parece estar muito bem."

Com essas palavras, o doutor deu um passo para fora, adentrando na escuridão daquela noite de novembro. Nenhuma luz elétrica, nem mesmo a lua concedia uma luz sutil que fosse ao espaço desbravado por seu pé.

Mike O'Neill teve de parar por um longo momento, mergulhado em seus pensamentos. Uma criança de pé torto. Ele havia visto apenas uma em toda a sua vida. Então seus olhos foram atraídos por um instante para a imagem do Sagrado Coração de Jesus, erguida no lugar de honra na parede da sala. Ele deixaria a natureza seguir seu curso. Afinal, Deus sabe o que é o melhor.

Dois dias depois, tudo corria como antigamente na pequena cabana. Michael O'Neill fazia escavações nas escuras entranhas da terra dezenas de metros abaixo do solo. Mas ele estava ansioso para que o dia terminasse logo. Era a primeira vez que trabalhava desde que o menino havia nascido, o primeiro em que os cuidados do neném caíam inteiramente sob a responsabilidade de sua mãe. Sem dúvidas ela já teria descoberto o pézinho que tanto o tinha perturbado pelos últimos dois dias. O que ela pensaria? Que coisas poderia dizer?

Michael O'Neill correu para a casa naquela noite.

"Eu tenho um nome para nosso homenzinho," a mãe murmurou para o marido assim que ele entrou em seu quarto.

"Mas já?"

"Nós o chamaremos João"

"João... Por causa de quem?"

"O discípulo amado, porque..."

Havia uma lágrima em seu rosto quando ela enfim ergueu o seu rosto para cima.

"Porque eu o amarei mais do que os outros".

"Então... então você... já sabe?"

"Sim, Michael, eu sei".

Segundo Capítulo

O gorducho John O'Neill achou muito difícil aprender a andar. Sua mãe passava horas com ele até que algum outro filho chegasse, então as crianças mais velhas o ajudavam.

"Devagar, devagar," elas falavam enquanto apoiavam seus pés contra a parede, dando alguns passos para trás e estendendo os braços em sua direção.

Já então tornava-se evidente no comportamento das outras crianças que elas também haviam assumido para si algo daquela mesma afeição que sua mãe tinha para com o pequeno irmão aleijado.

"Devagar, devagar," ele dizia em resposta, fazendo um esforço tremendo e outra vez caindo ao chão. Mas ele não permanecia lá. O pequeno John logo se erguia, pondo suas mãos sobre a parede e forçando-se sobre os seus pés para levantar.

Foi uma época de longa e penosa provação, mas enfim chegou o dia em que John O'Neill aprendeu a andar. Com os cuidados de sua mãe, ele adquiriu um caminhar que, considerando-se as circunstâncias, não deixava de ter um charme próprio.

Seria demais dizer que John O'Neill não se incomodava com o seu esquisito modo de andar. Ele se incomodava assim como qualquer criança de sua idade faria. Ele se incomodava especialmente quando os meninos agrupavam-se para jogar ou para passear longamente, buscando frutas do bosque e nozes. Ele também se incomodava quando o passo dos meninos apressava-se e então se tornava impossível para ele acompanhá-los em suas caminhadas com seus cachorros, indo caçar coelhos.

"Será que algum dia poderei andar tão rápido quanto meus colegas, mãe?"

"Você poderá, quem sabe, um dia ir mais rápido do que eles todos, meu filho. Tantas, tantas coisas podem acontecer!"

Ela permaneceu em silêncio por um tempo, com aquele profundo olhar que tantas vezes tinha em seus olhos azuis.

"John, meu querido, há tantas formas de estar à frente. Eu não me preocuparia se eu fosse você".

Sua mãe tomava cuidado para não desencorajá-lo. Ela sabia bem que ele era diferente das outras crianças – ao menos, ele parecia mais bem reflexivo do que eles.

Mas o John aprendeu, de fato, a correr. Ele aprendeu a fazer muitas coisas que os meninos normais também faziam, apesar de ter sempre preservado a mesma disposição reflexiva e introspectiva.

Na escola, ele era quieto e trabalhava sempre com empenho nas lições – as lições que podiam ser oferecidas na pobre cidade de mineração. Já fazia tempo, no entanto, que ele sentia que deveria trabalhar para poder ajudar a manter a família. Mais de uma vez ele fez menção do assunto à mãe, mas ela respondia que ele deveria ser paciente.

"Há ainda muitos anos à frente. Você só vai ser um menino uma vez na sua vida. Além do mais, nós conseguimos nos sustentar até agora."

Um dia, quando seu pai parecia mais cansado do que o comum, após longas horas trabalhando nas fundas minas, John sentou-se num banco ao seu lado.

"Você não acha que eu poderia conseguir um trabalho ao seu lado na mina, pai?"

Houve um momento de tenso silêncio. A maior parte dos mineradores nega-se, geralmente, a recomendar seus filhos para o seu mesmo trabalho.

"Se houvesse qualquer outra coisa para você fazer, John, eu não a negaria. Mas eu sei que não há. Vou falar com meu chefe e ele talvez possa lhe dar algo para fazer, ao menos durante as férias".

E então, alguns dias mais tarde, John foi junto a seu pai para as minas, dentro daqueles longos, escuros, úmidos e abafados túneis que pareciam levar a todos os lugares. Naquele dia, John O'Neill estava bastante assustado, mas ele não tinha outra opção senão esconder seu medo. Havia muitos outros meninos de sua idade ali, alguns até mais novos do que ele. Não seria possível mostrar para eles que estava com medo. Ele já tinha deficiências demais.

Quando finalmente atingiram o nível dos meninos, John foi separado de seu pai e enviado com a tarefa de separar pedra de carvão. Era um trabalho duro e exigente. Mal havia tempo para descansar. As brilhantes moedas não seriam distribuídas àqueles que não trabalhassem por elas.

No final daquele primeiro dia, os dedos de John estavam tão feridos que ele mal podia tocar algo sem sentir dor. Ele tentava ao máximo esconder como ele se sentia, especialmente de sua mãe, que havia passado o dia inteiro preocupando-se com ele. Mas

assim que terminaram a refeição frugal, o jovem e exausto rapaz logo caiu num sono profundo.

"Leve-o para cama, Mike. Ele nem vai acordar quando você o segurar."

"Foi assim também no primeiro dia em que fui às minas. Como tudo isso me parece distante agora!"

Dia após dia, o pequeno John seguia sua interminável jornada. Por alguns, breves momentos ele via o dourado sol das manhãs de verão, e logo descia outra vez à vívida, eterna noite da mina. O entardecer trazia-lhe um rápido vislumbre do sol rosáceo ao oeste, até que a noite de sono escurecesse de uma vez sua consciência.

Quanto tempo exatamente John trabalhou nas minas nós não sabemos. Mas muito antes dele ter saído do trabalho, ele e seus pais já haviam percebido que ele não mais poderia continuá-lo.

Um dia, ele tomou sua mãe de surpresa:

"Mãe, acho que já estive tempo suficiente nas minas. Vou aprender o ofício dos sapateiros".

"Ah, essas são boas notícias! Estou contente de ouvir isso, o outro trabalho era realmente demais para você."

E foi assim que John O'Neill, aquele que tanto sofria com seu pé, começou os anos de aprendizagem com o sapateiro da vila.

Já a partir do primeiro dia na loja, John gostava do seu novo ofício. Parecia dar-lhe uma nova vivacidade. Havia, claro, muitas coisas a aprender, muitas coisas a fazer. Aquilo fazia do trabalho mais interessante. Mesmo as dez horas diárias pareciam pouco para ele. O mestre maravilhava-se com a velocidade e a eficiência de seu aprendiz, e logo teria sido capaz de dobrar o seu ganho, não houvesse uma calamidade caído sobre o país.

Terceiro Capítulo

No dia vinte de dezembro de 1860, o estado da Carolina do Sul separou-se da União.¹ À Carolina do Sul logo se somou o Mississippi, a Florida, o Alabama, a Geórgia, a Louisiana e o Texas. No dia quatro de fevereiro do ano seguinte, representantes de cada estado encontraram-se em Montgomery, Alabama, adotaram uma constituição temporária e até mesmo escolheram um presidente e um vice-presidente provisórios. Pouco mais de um mês depois, a constituição temporária foi substituída por uma decisiva, que seria adotada pelo Congresso Confederativo em fevereiro de 1862.

No ínterim, Abraham Lincoln havia sido inaugurado como presidente dos Estados Unidos, apoiando firmemente a União. Então veio o ataque em Fort Sumter e a trágica guerra civil americana começou.

As notícias viajavam lentamente naqueles dias. Mesmo assim, não demorou muito para que os mineradores de Mackeysburg, Pennsylvania, tivessem ouvido falar que, após um bombardeio de cinquenta canhões por um período de trinta e quatro horas, os estados do Norte tinham sido forçados a entregar o Forte para a Confederação. Os mineradores mal haviam se recuperado deste choque quando ouviram a convocação para a guerra. O senhor Lincoln pedira a força de setenta e cinco mil voluntários. De todos os estados de vida apresentavam-se homens, prontos e zelosos para defender a bandeira de listras e de estrelas.

Mackeysburg, pequena vila que era, mandou o que podia com o chamado do presidente. Havia então uma urgente demanda para que novos e robustos sapatos fossem confeccionados o mais rápido possível e o mestre e seu aprendiz trabalhavam longas horas para atender aos soldados.

Então dois eventos aconteceram – dois eventos estranhos, que mudariam para sempre a vida daqueles dois sapateiros. O mestre sentiu, um dia, que estaria fugindo de seu dever se não se alistasse. Para que o Norte tivesse êxito em seu grande esforço para preservar a união, seria necessário que homens o defendessem. O exército deveria estar bem protegido e, para esse fim, o sapateiro deveria estar junto aos outros homens.

¹ Na Guerra Civil dos Estados Unidos, ou Guerra de Secessão, lutaram os estados do Sul (Confederação) contra os do Norte (União) em batalhas armadas que duraram de 1861 até 1865.

John O'Neill, não havia dúvida, era jovem demais para alistar-se como voluntário no exército da União – mas um outro chamado ecoava em seus ouvidos. Fazia já algum tempo que Deus parecia chamá-lo ao Seu serviço de uma forma mais íntima. Mas como exatamente ele deveria servi-Lo? Isso John ainda não sabia.

Quando a sapataria fechou, contudo, veio um fim temporário para suas divagações. Tudo que se falava era de guerra: toda conversa girava em torno das casas partidas e do número crescente de túmulos, acumulando-se nos campos e nas colinas.

Se o pai de John se alistou ou não, nós não o sabemos, mas sabemos que o jovem sapateiro, munido de todo o equipamento de seu ofício, logo iniciou uma longa jornada para sabe-se lá aonde.

Em cada vila, o sapateiro visitava primeiro sua igreja, retirando-se ali em silenciosa oração, e então ele andava ao redor, buscando quem necessitasse de um sapato novo.

Naqueles dias em que a vasta nação dos Estados Unidos mal estava completamente ocupada, os fazendeiros encontravam-se, por vezes, a muitas léguas de distância uns dos outros. Uma caminhada para a vila mais próxima frequentemente significava uma verdadeira viagem, algo que poderia ser feito apenas com bastante tempo. Os moradores das vilas, naquela época, dependiam então de vendedores ambulantes para muitas de suas necessidades básicas.

John O'Neill conhecia estes vendedores e sabia que, com astúcia nas negociações, eles frequentemente alcançavam uma considerável riqueza. Mas este aspecto de suas vidas pouco lhe interessava. John gostaria de ter dinheiro suficiente para manter-se a si mesmo – e ele tinha energia suficiente para isso. Ele também sabia que poderia fazer caridade aos mais pobres com a aplicação de seu ofício. Ele poderia até, quem sabe, fazer um pouco de evangelização quando a oportunidade surgisse. Muito provavelmente, no entanto, ele sentiu durante suas jornadas que Deus fazia-lhe cada vez mais claro que espécie de vocação Ele desejava para John.

Seria muito interessante para nós descobrir a rota que o jovem sapateiro traçou quando ele decidiu partir de sua casa na Pennsylvania para buscar seu próprio sustento. Sua vida como minerador e seu breve encontro com o ofício na loja de sapataria prepararam-no para uma longa perambulação pelo seu próprio estado e, mais tarde, para Ohio ou quem sabe

Virgínia. O que sabemos com certeza sobre seu percurso já se refere à sua estadia no Colorado.

Durante o caminho, ele passou inúmeras noites sobre uma improvisada cama de palha, sob a luz das estrelas, e outras noites em casas amigáveis. Encontrando-se numa fazenda que muito ansiava pela chegada de um sapateiro, ele era acolhido e recebido cordialmente. Muitas vezes ele passava lá até mesmo um mês inteiro confeccionando calçados a partir de couros da casa, curtidos artesanalmente, que haviam sido separados exatamente com esse propósito.

A próxima notícia que temos de John O'Neill é que ele já percorreu, apesar do seu estranho caminhar, um longo trajeto através dos prados até o estado da Califórnia. A maior parte do caminho foi feita a pé e em solidão. Que pena ele não nos ter deixado mais informações sobre este tempo. Mas o John era sempre aquele que falava menos sobre si mesmo.

Neste interim, a destruição e matança da Guerra Civil haviam chegado ao fim. O frio aço da bala do assassino havia trespassado a cabeça de Abraham Lincoln e seu corpo fora deitado na flor da nação. A reconstrução – que ele tão ardentemente desejava e tão urgentemente clamava em seu segundo discurso inaugural – estava sendo levada em frente de forma determinante. Os Estados Unidos estavam seguindo adiante em direção ao seu lugar apropriado na grande família das nações.

Em algum ponto da vasta jornada de Mackeysburg até a Califórnia, John encontrou-se com um outro sapateiro itinerante, levando consigo seus próprios instrumentos e retornando à casa. John nunca contou-nos o nome do sapateiro, tampouco onde o conheceu. Ele ficou, no entanto, profundamente impressionado com o tipo de trabalho que aquele homem desconhecido podia fazer:

"Onde você aprendeu seu ofício, meu amigo?" perguntou o alto, ruivo sapateiro de Mackeysburg.

"Numa pequena escola lá em Indiana. Eles chamam o lugar de Notre Dame".

"Não me diga que eles ensinam estas coisas numa escola! Eu aprendi as minhas na casa de um sapateiro na Pennsylvania".

"Sim, eles ensinam a sapataria, a ferraria, a alfaiataria, a carpintaria e tantos outros... É claro, eles também têm as disciplinas regulares de uma escola".

"E a quem pertence essa escola? Nunca ouvi falar deste lugar antes!"

"Ela é dirigida pela Congregação de Santa Cruz, originalmente uma ordem religiosa na França, consistindo de padres e irmãos. Notre Dame abriu suas portas já faz mais de trinta anos!"

"Dirigida por padres e irmãos, você disse... Mas como assim irmãos?"

"Eles são homens que consagraram suas vidas para Deus através dos votos de pobreza, castidade e obediência, mas sem a intenção de fazerem-se padres. Eles vestem um hábito religioso e compartilham tudo o que tem com a Ordem, junto aos padres. Nunca tinha ouvido falar nada disso até que eu fui para Notre Dame. Acredite-me, há homens realmente fantásticos entre os irmãos de lá. Nós todos amávamos o irmão Benoit que era a cabeça administrativa de Notre Dame. E então houve o irmão Cyprian, um verdadeiro santo. Dizem que foi por causa de suas orações que um lírio desabrochou muito antes de seu tempo, só para que São José o tivesse junto ao altar para a sua festa. E eu conheci o irmão Vicente, outro grande homem. Ele veio com os primeiros irmãos que chegaram da França. E há outros que você simplesmente amaria conhecer".

"Tenho certeza que sim", disse John, e era evidente que ele estava profundamente interessado. "E todos os irmãos em Notre Dame dão aulas?"

"Ah não, nem todos. O irmão Lawrence administra a fazenda. Irmão Augustus é o alfaiate. E há outros que ainda não cheguei a conhecer por conta de seu trabalho".

Uma luz incomum parecia ter pousado sobre os olhos de John O'Neill e um estranho sentimento de uma paz profunda inundava agora sua alma por completo. Poderia ser que Deus estivesse o chamando para Notre Dame? Será que ele, com seu pé disforme, seria aceito para a irmandade que havia produzido esses homens maravilhosos?

Quarto Capítulo

Os irmãos da Congregação de Santa Cruz, sobre os quais os sapateiros haviam falado, eram originalmente chamados de Irmãos de São José. Eles tinham sido fundados pelo padre James Francis Dujarie, o pároco de Ruille, na França, em 1820.

Este zeloso padre já havia fundado as Irmãs da Providência em 1807. Sua segunda empreitada seria organizar a sociedade dos irmãos, cujos membros, vivendo ordinariamente numa vida comunitária, poderiam ensinar individualmente em paróquias menores e em áreas rurais, caso houvesse necessidade. Seu bispo, Monsenhor Claude Madeleine de la Myre, aprovou veementemente seu projeto no verão de 1820 e, em novembro, cinco homens já haviam se juntado. Apenas dois do grupo original perseveraram até a morte.

Essa comunidade, assim como praticamente todas as outras, passou por suas tribulações. "Durante o ano de 1828 o vulcão da Revolução Francesa despejou o resíduo de sua suja lava. Os efeitos dessa erupção sobre a fé e a moralidade da França em 1829 podem bem ser julgados a partir do caos instaurado entre os Irmãos de São José em Ruille. As vocações tornaram-se escassas e as deserções numerosas. A maré de um amável sacrifício pessoal que havia presenteado Ruille com mais de trezentos padres em menos de uma década, recuou em 1829, retendo para si sua preciosa quantidade de tesouros".

No ano de 1835, o venerável Pe. Dujarie, "desgastado pelos anos e por enfermidades, informou ao seu bispo que ele já não seria mais capaz de governar e guiar os Irmãos de São José. Ele sugeriu entregar sua tarefa nas mãos de seu senhorio, para que ele, por sua vez, pudesse entregar a tarefa heróica para um padre digno. Monsenhor Bouvier e os irmãos foram unânimes em sua escolha do Pe. Moreau. Reconhecendo a mão de Deus nesta seleção, e sentindo-se fortemente atraído a esta pequena e devota comunidade, cuja admirável vocação ele admirava completamente, o Pe. Moreau não hesitou em assumir esta nova tarefa".

O padre Basílio Moreau era professor no Grande Seminário da cidade de Mans. Era um padre extremamente devoto que, junto às suas aulas, encontrava tempo para administrar retiros e missões. Em 1835, ele juntou seis jovens clérigos e, com a autorização do bispo Bouvier, fundou os Padres Auxiliares de Mans. É no ano de 1835, então, que encontramos Pe. Moreau governando tanto os sacerdotes quanto os irmãos, apesar deles não estarem organicamente unidos até dia primeiro de Março, de 1837. Naquele tempo, a nova comunidade era conhecida como a Associação de Santa Cruz.

O trabalho esplêndido dos irmãos no campo da educação foi apreciado desde o início. "Desde 1836, Pe. Moreau tinha sido convidado pelo prefeito do departamento de Sarthe, em nome do Ministro da Marinha e das Colônias, com respeito à fundação dos irmãos que ensinam nos territórios franceses de Martinique e de Guadeloupe". Em 1839, o bispo Dupuch da Algiers pediu que enviassem irmãos que ensinassem nas escolas diocesanas e, no ano seguinte, os primeiros missionários foram à África.

Foi também em 1839 que o Pe. Celestine de la Hailandiere, então vigário-geral do bispo Simon Bruté de Vincennes, Indiana, fez um pedido pessoal ao Pe. Moreau para que enviasse alguns irmãos. Antes que uma resposta final fosse feita, o bispo Bruté morreu e o Pe. de la Hailandiere recebeu notícia de que era ele quem deveria suceder a sede. Ele foi consagrado no dia 18 de agosto e, já uma semana depois, estava implorando ao Pe. Moreau que lhe enviasse professores para suas escolas.

Nada teria sido mais agradável ao Pe. Moreau do que enviar prontamente os homens, mas, por conta da dificuldade em conseguir o dinheiro para o transporte, não foi até o dia oito de agosto de 1841 que os primeiros missionários partiram para os Estados Unidos. O grupo consistia no Pe. Sorin, tendo apenas vinte e sete anos, que viria a ser o superior; o irmão Vicente Pieau, de quarenta e quatro anos, irmão Caillor, quinze anos, e o irmão Monsimer, de quatorze anos, que seriam professores. O irmão Joachim Andre, de trinta e três anos, seria um alfaiate. Irmão Marie Patois, mais tarde conhecido como Irmão Francis Xavier Patois, de vinte e um anos, seria carpinteiro e Irmão Menage, de vinte e cinco anos, um fazendeiro. Demorou trinta e nove dias para que cruzassem o mar até Nova Iorque. E, simbolicamente, eles desembarcaram no porto no dia da vigília da Exaltação da Santa Cruz.

Os primeiros três dias nos Estados Unidos foram passados na casa do Sr. Samuel Byerley, que, pelo pedido do bispo Hailandiere, havia se encontrado com os missionários no porto. O quarto dia foi passado no palácio de Sua Excelência, John Dubois, bispo de Nova Iorque. No dia seguinte, eles iniciaram a jornada, de barco, através do rio Hudson, e então para Buffalo por meio do Canal Erie, uma viagem de sete dias e meio. Eles cruzaram o lago Erie para Toledo de navio a vapor, uma viagem de três dias. De Toledo foram de barco até Miami e dali para Napoleon. A próxima etapa foi por terra, numa carroça, para Defiance, de onde eles partiram por água para Fort Wayne. Dois dias mais tarde eles foram para Logansport. A última jornada, para Vincennes, foi de uma semana. Os pobres missionários

levaram exatamente vinte e quatro dias para fazerem a viagem de Nova Iorque para Vincennes.

Apenas três dias mais tarde, a pequena comunidade tomou sua residência no St. Peter's, uma singela vila à distância de trinta quilômetros de Vincennes. A cidade orgulhava-se de suas cinquenta famílias católicas. O pe. Sorin havia recebido um resumo do trabalho que o bispo local vinha realizando: cuidar dos católicos de St. Peter's e de St. Mary's, Mt. Pleasant e das missões nas redondezas; construir uma escola para as crianças católicas da região e ensiná-las; construir um noviciado e buscar voluntários para os irmãos.

O Irmão Vicente foi escolhido como Mestre dos Noviços e, dentro de um ano, ele tinha doze noviços sob sua direção, sendo nenhum deles francês. Oito eram irlandeses, três eram alemães e um era inglês.

Dentro de um mês de sua chegada em Indiana, os irmãos vinham construindo uma escola em St. Peter's: seis meses depois, uma segunda, com trinta alunos, numa localidade a alguns quilômetros da primeira escola. O desejo do Pe. Sorin, no entanto, era realmente construir uma universidade. Com esta iniciativa o bispo não podia concordar, uma vez que já havia uma faculdade conduzida pela Ordem dos Eudistas (Congregação de Jesus e Maria) na região.

Durante uma segunda reunião com o bispo sobre este assunto de abrir uma faculdade, o prelado falou ao Pe. Sorin a respeito de uma propriedade no norte de Indiana que ele poderia lhe dar. O padre correu de volta para discutir o assunto com os irmãos e para rezar sobre isso. O resultado foi que, depois de uma semana, eles aceitaram aquele local perto de South Bend.

No dia dezesseis de novembro de 1842, deixando onze irmãos para se juntarem a eles mais tarde, o Pe. Sorin e mais sete irmãos partiram para o que foi então e é ainda hoje conhecido como Notre Dame. Apenas dois destes irmãos eram do grupo original da França: o irmão Marie Patois, mais tarde conhecido como Francis Xavier Patois e o Irmão Monsimer. Os outros cinco eram: Irmãos Peter Tully, Patrick Connelly, Basil O'Neil, William O'Sullivan e Francis Disser, irmãos que haviam se juntado à congregação depois de sua chegada em St. Peter's. Era uma jornada de mais de quatrocentos quilômetros que foi realizada durante o inverno a pé e por carroça. Os missionários passaram onze dias em caminhada.

Os exaustos viajantes chegaram em Notre Dame no dia vinte e seis de novembro, para descobrir que havia ali apenas três pequenas construções: uma capela que havia sido erguida pelo pe. Badin em 1834, a casa em que o seu tradutor havia vivido e uma espécie de cabana ao lado da capela. Mas todos puseram-se a trabalhar o mais rápido possível e o trabalho começado desde então nunca mais parou. Até hoje algumas das construções são dos mesmos tijolos feitos pelas mãos dos pioneiros irmãos de Santa Cruz.

Ainda assim, a Notre Dame a que John O'Neill chegou no dia nove de julho de 1874 não guarda nenhuma semelhança àquela a que se está acostumado atualmente. Talvez a única construção de hoje que já estava lá em 1874 é a que chamamos de Casa das Missões. O irmão Charles e seus homens estavam ocupados construindo a igreja, mas esta obra não estaria completa até seis ou sete anos mais tarde.

O prédio principal devia ser imponente, ainda que não fosse inspirador. Sua frente era de cento e sessenta pés de largura, oitenta pés de profundidade e seis andares de altura. Também aquele prédio tinha uma abóbada e uma estátua de Nossa Senhora. Esse prédio abrigava todos os estudantes – desde aqueles do primeiro ano até os graduandos – e continha as salas de aula, salões de estudo, refeitórios e salas particulares para os professores.

O reverendo Edward Sorin, o primeiro presidente de Notre Dame, ainda estava vivo. Tratava-se de um homem de altura moderada, que tinha seus cabelos relativamente longos, mas mantinha sempre o rosto barbeado. Ele era ativo em tudo aquilo que se passava na vida da universidade, mas, nos últimos sete anos, havia deixado sua gerência para outros.

No tempo em que John O'Neill chegou no campus, o Pe. Auguste Lemonnier, o sobrinho de Pe. Sorin, era presidente. Ele era, no entanto, um homem doente e não estava destinado a viver todo o decorrer do ano de 1874.

A Escola de Trabalhos Manuais de São José, aquela parte de Notre Dame que primeiro havia atraído o jovem John O'Neill para o lugar, estava localizada onde hoje é o Dillon Hall. Naquela época, a Escola de São José tinha aproximadamente cinquenta aprendizes, uma boa indicação da qualidade dos cursos oferecidos pelos irmãos.

Mas John não estava particularmente interessado em nenhuma parte da escola. Ele havia chegado em Notre Dame, na verdade, para pedir permissão para se juntar aos Irmãos de Santa Cruz. E ele iria diretamente para aquele que tinha o poder de lhe conferir a admissão.

Quinto Capítulo

Era uma tarde quente e abafada naquele dia nove de julho de 1874. Na pequena vila de South Bend, não havia então muita agitação. John O'Neill caminhava pelas ruas, na esperança de encontrar alguém que pudesse lhe dizer como ele poderia chegar a Notre Dame.

Debaixo duma árvore, à sombra de uma cabana, ele avistou um menino, descansando.

"Você poderia me dizer, rapaz, como posso chegar à universidade de Notre Dame?"

O menino sentou-se, sem medo, e olhou para o alto e ruivo homem, com sua pesada mochila.

"É melhor você perguntar para minha mãe".

E assim que o menino começou a levantar-se, uma voz de mulher atravessou o quente silêncio da tarde.

"O que é que ele quer, Johnny?"

"Essa é a minha mãe," disse o menino para o estranho. E então para a mãe: "ele quer saber como pode chegar na faculdade de Notre Dame".

Depois de uma longa discussão – a qual, apesar de longa, nada tinha de esclarecedora – John continuou o seu caminho. Na sua condição de exausto viajante, ele podia apenas lembrar-se que a universidade estava ainda à distância de três quilômetros. Quando ele enfim chegou na estrada que levava para a escola, ele percebeu que esta não era mais do que uma trilha deixada por carroças.

Já era quase cinco horas da tarde quando John teve seu primeiro vislumbre da imagem de Nossa Senhora, erguendo-se sobre o domo do prédio principal. Ele parou por um momento, inteiramente cativado por aquela visão. Ele olhou para seus pés deformados e então de volta para Nossa Senhora. Será que Ela cuidaria para que seus pobres pés não o impedissem de se tornar um religioso, um desejo que crescia em seu coração desde que ele tinha quatorze anos?

Mais uma vez, ele andou adiante, mais confiante depois daquela visão. Perto dele, à esquerda, havia um cemitério. Sutilmente tirou o chapéu enquanto passava e respirou, sussurrando uma oração para as pobres almas. Ao lado, havia um jardim muito bem cuidado, suas longas fileiras mostravam os sinais de terem sido recentemente cultivadas. Como tudo era silencioso! Não havia um pássaro cantando nas árvores imóveis.

De repente, um monge vestido de preto saiu do prédio a frente e caminhou em direção ao alto edifício que agora dominava tudo que a vista alcançava. John apertou o passo, a fim de alcançar o monge que, ouvindo aqueles passos, parou abruptamente e virou-se para trás.

"Padre, sou um estranho aqui!"

"Ah, bem vindo! Sou o Irmão Francis Xavier".

John O'Neill pareceu dar um passo em falso em sua caminhada adiante. Ele não havia suspeitado que aquele homem em preto colarinho seria um dos irmãos.

"Eu sou o John O'Neill, irmão, e vim aqui tentar também me tornar um irmão".

"Então vou levá-lo para ver o nosso superior, o Pe. Sorin. Você viria comigo, por gentileza?"

Depois de alguns poucos minutos, o jovem sapateiro achou-se na presença do Superior Geral da Congregação de Santa Cruz. O pensamento o surpreendeu, a princípio, e ele logo se sentiu um pouco nervoso. Mas não demorou muito para que ele estivesse à vontade, mesmo debaixo do olhar lancinante daquele grande homem.

"E como você chegou a ouvir falar de nossa Congregação?" perguntou o padre.

"Ouvi de um aluno formado pela Escola de Trabalhos manuais, padre" respondeu o sapateiro.

"Ah, sim! Ah, sim!" falou com um aceno o pe. Sorin.

"E você acha que poderia usar um pobre homem como eu, padre? Eu quis servir a Deus de uma forma mais íntima por um longo tempo".

"Você chegou ao lugar certo, meu filho. Venha, vamos conversar ao redor do lado para o noviciado. Nossos postulantes vivem na mesma casa que os nossos noviços".

Padre Sorin alcançou seu barrete e, no momento seguinte, os dois estavam a caminho. Foi enquanto eles caminhavam e conversavam que John contou ao padre que ele era um sapateiro, que ele poderia fazer-se útil para a comunidade e, acima de tudo, que ele gostaria de aprender a amar Nossa Senhora e o Sagrado Coração de Jesus mais e mais e, desta forma, assegurar a sua salvação.

O Pe. Sorin estava profundamente impressionado com a franqueza e sinceridade do jovem. Ele não disse nada a respeito de sua deformidade, nem sequer deu a impressão de tê-la percebido.

No noviciado, John foi introduzido ao mestre dos noviços, padre Louage. Aquele bom padre fê-lo sentir-se em casa ao entregá-lo aos cuidados de um dos noviços.

Naquela mesma tarde, por conta da presença do Superior Geral, que permaneceu para o jantar, os noviços tinham a permissão de falar durante a refeição e, antes que esta terminasse, o novo postulante sentiu-se mais uma vez como um membro da família. Dentro de sua alma havia chegado aquela paz pela qual ele tanto havia ansiado. Todos eram extremamente gentis com ele e, a partir da bela pintura sobre a parede à sua frente, os benignos olhos do Sagrado Coração pareciam mirar diretamente a sua alma.

Na capela aquela noite, John sentou-se num lugar a partir do qual ele poderia olhar de frente para a reluzente imagem do Sagrado Coração. Apesar de sua atenção estar primeiramente voltada para o tabernáculo, de tempos em tempos seus olhos eram atraídos para aquela imagem.

Dia após dia continuava presente aquela mesma, maravilhosa paz. No dia primeiro de setembro, o pe. Louage chamou John para seu escritório e deu-lhe a notícia de que ele havia sido admitido pelo Concílio e que a data para sua recepção do hábito seria dia oito de setembro.

Aquele foi, verdadeiramente, um dia feliz para John O'Neill. O desejo de seu coração dava mais um passo na direção de se realizar. Ele e seus companheiros fizeram o retiro necessário antes da recepção e prepararam-se para o grande dia, no qual eles iriam se despir do traje mundano e assumir o manto dos servos de Deus na Santa Cruz.

O dia oito de setembro é a festa da Natividade de Nossa Senhora e é um dia particularmente apropriado para receber o hábito. Este dia no ano de 1874 foi especial para os irmãos de Santa Cruz, na medida em que marcou o nascimento no meio de sua ordem de um Irmão que, durante toda a sua vida, iria trazer glória para a comunidade. E, de fato, foi um dia maravilhoso na vida de John O'Neill, que o separou do mundo para que ele realizasse um trabalho todo especial para Deus.

A cerimônia da investidura e as orações que a acompanham são indicativas desta mesma separação. Quando os postulantes entram no santuário, o ministro conduzindo a celebração abençoa velas, dizendo a oração: "Senhor Deus, Pai todo-poderoso, verdadeira luz e fonte de todas as luzes, derramai sua bênção sobre estas velas. Da mesma forma que Vós iluminastes o caminho de Moisés, partindo da terra do Egito, assim também guiai Vossos

servos, que, por amor ao Vosso Nome, neste dia abandonam o mundo, para que eles possam merecer a vida eterna através de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém".

Cada postulante, então, recebe uma vela com a admoestação: "recebei esta luz: que ela brilhe sobre vossas mãos, como símbolo dos bons trabalhos dos quais vós deveis dar o exemplo e dos louvores incessantes que deveis dar ao Deus que mostrou tanto misericórdia convosco".

Em seguida, o *Veni Creator* é cantado, implorando-se que o Espírito Santo ilumine aqueles que estão prestes a receber sobre si o fardo de Cristo. Terminado o canto, o ministro conduzindo a celebração diz: "Meu filho, o que você deseja?" e o postulante responde: "Padre reverendo, eu peço-lhe o hábito da Congregação e o favor de ser admitido a passar por minha provação nos exercícios do noviciado".

Os hábitos são então benzidos e dados aos postulantes com as seguintes palavras: "receba este hábito, símbolo do homem novo, o qual você deve vestir através de sua morte para o mundo e sua união com Jesus Cristo". Eles então se retiram para a sacristia para vestirem-se com suas novas vestes de religiosos.

Quando os noviços retornam, vestidos com seus hábitos, eles são aspergidos com a água benta enquanto o padre exclama: "Ouvi-nos, Senhor, em nossos pedidos e dignai-vos abençoar e santificar estes vossos servos, renunciando agora os caminhos do mundo, os quais, confiando em seu Santo Nome e na intercessão de São José, vestimos com este hábito santo, para que eles possam servir-Vos fielmente, permanecendo constantes, vivendo sobriamente, devotamente e com justiça, esperando a bem-aventurada imortalidade e a Vossa vinda, Vós que viveis e reinais com Deus pelos séculos sem fim. Amém".

Quando este serviço terminou naquele dia oito de setembro, em 1874, John O'Neill passou a ser conhecido como Irmão Columba. Ele então começou aquele ano de intenso treinamento e preparação, conhecido como noviciado. Durante aquele tempo, ele foi informado sobre todas as suas obrigações e privilégios e então lhe foram dadas inúmeras oportunidades para praticar as virtudes de sua nova vida. Além disso, durante aquele período, o mestre dos noviços teria tempo para observar aquele aspirante, para corrigi-lo quando necessário e para ter certeza se aquele homem deveria ou não ser permitido a continuar na Congregação.

Durante aquele ano passado na casa do noviciado, o Irmão Columba lançou profundos alicerces das virtudes que, mais tarde, o fariam famoso: fé, humildade e caridade. Aqueles que o encontravam casualmente teriam notado algo de incomum sobre ele. Aqueles que viviam com ele, apreciavam suas genuínas virtudes. Em verdade, havia então poucos homens em ambas as condições, devido ao tamanho de Notre Dame naquela época. Ainda assim, viria um dia em que o Irmão Columba seria conhecido e amado por milhares, muitos dos quais ele nunca viria a ver pessoalmente.

Sexto Capítulo

Desde o tempo em que o Irmão Columba deixou o noviciado até o dia quinze de agosto de 1876, ele trabalhou na sapataria da comunidade e logo mostrou-se como um talentoso sapateiro. Nenhum trabalho, mesmo que fosse um pouco de costura ou a confecção de um novo sapato, recebia dele menos do que toda sua consideração e cuidado. Ele sabia bem que as coisas pequenas tinham uma tremenda importância e, assim, esforçava-se por fazê-las bem.

Notre Dame teve inúmeros incêndios durante o primeiro século de sua existência. Nestes incêndios, muitos documentos e registros importantes foram perdidos. O que nós temos, no entanto, mostra que, no dia quinze de agosto de 1876, a grande festa da Assunção de Nossa Senhora, o Irmão Columba consagrou-se irrevogavelmente para Deus através dos votos perpétuos de pobreza, castidade e obediência. Estes votos viriam a constituir a essência da vida religiosa: eles são realizados por almas generosas que desejam seguir a Jesus Cristo com maior proximidade do que a maior parte dos cristãos. Estes votos são feitos por aqueles que são verdadeiros heróis diante de Deus e sua observância exige contínuos sacrifícios.

Na Congregação de Santa Cruz um quarto voto é feito por aqueles que se sentem chamados a trabalhar em missões. Não é exigida de ninguém, mas o Irmão Columba desejou fazer-se completamente à disposição do Superior Geral e, por isso, assumiu o voto das missões no estrangeiro. A solenidade e a dignidade dos votos se torna manifesta a partir das palavras que constituem a fórmula usada na Congregação:

"Eu, John O'Neill, Irmão Columba, indigno como sou, mas ainda assim confiando na divina misericórdia e sinceramente desejando devotar-me completamente à adorável Trindade, faço para sempre diante de Deus os votos de pobreza, castidade e obediência, de acordo com o sentido presente nas regras e constituições desta Congregação, junto ao voto de ir a qualquer lugar no mundo que o Superior Geral desejar enviar-me, na presença de Nosso Senhor Jesus Cristo, da Beata Maria, Sempre Virgem, concebida sem pecado, e de seu digníssimo esposo, São José, e toda a corte celeste".

Naquele dia de agosto, quando o Irmão Columba pôs sua assinatura nos votos, ele era então um dos mais felizes homens no mundo. Ele finalmente atingira o desejo de seu coração. Ele logo se voluntariou para ir à Índia em missão e também para ir a Molokai, a fim de ajudar o Pe. Damien em seu magnífico trabalho com os leprosos. Nada era heróico demais para

aquela alma tão generosa. Durante aquele tempo, no entanto, ele deveria se considerar contente em permanecer em Notre Dame, consertando os sapatos da comunidade. Talvez, quem sabe, para sua alma ardente, mais heroísmo era necessário do que aquele de ir para Índia ou para Molokai.

Menos de um mês depois de sua profissão, o Irmão Columba foi enviado, junto ao Irmão Peter e ao Irmão Raymond para tomar conta do Orfanato e Asilo de São José, em Lafayette, na Indiana. Havia então por volta de sessenta meninos no asilo e esse número gradualmente aumentava durante os nove anos que o Irmão passou lá. Em 1885 o número chegou a cento e quinze meninos.

No verão de 1885, o Irmão Columba recebeu a ordem de retornar a Notre Dame e tomar outra vez suas responsabilidades na sapataria da comunidade. A loja estava então localizada na parte central de uma extensa construção que se chamava simplesmente de "as lojas". Vários homens leigos estavam empregados na sapataria além dos irmãos, pois o departamento de trabalho manual estava sempre crescendo e precisava de mais auxílio do que a comunidade poderia dá-lo.

O Irmão Columba continuou a praticar seu ofício no mesmo local e pelos próximos sete anos. Naqueles tempos, o pe. Sorin já era um homem mais doente e tinha que passar a maior parte do tempo em seu quarto. Por alguma razão, que desconhecemos agora, ele escolheu o Irmão Columba como seu enfermeiro pessoal. As Irmãs de Santa Cruz com certeza davam-lhe todos os cuidados, mas, ainda assim, ele dependia do Irmão Columba.

O irmão cuidava do idoso padre com máxima devoção. Ele sabia que o padre Sorin havia trabalhado arduamente e por muito tempo a serviço de Deus e, por isso, merecia realmente todos os pequenos confortos que ele poderia oferecer-lhe. Pelos próximos dois anos, o Irmão Columba nunca esteve distante dos pedidos de ajuda do homem doente. Enquanto sua enfermidade progredia, sua situação se tornava cada vez mais inevitável, até que, no dia trinta e um de outubro de 1893, o idoso fundador passou desta vida, em paz, para o seu merecido prêmio.

Depois da morte do Pe. Sorin, Pe. William Corby, chefe provincial, capelão durante a Guerra Civil e duas vezes presidente de Notre Dame, deu ao Irmão Columba a ordem de retornar à sapataria, uma posição que ele reteve por um quarto de século. De tempos em tempos, a localização da sapataria mudava, mas não importava o que o desenvolvimento ou a

necessidade trouxessem, o Irmão Columba – sempre afável, solícito e fervoroso – estava sempre lá e sempre o mesmo.

Um dia, o Superior Provincial decidiu que o Irmão deveria ir para Chicago, para um cirurgião famoso de lá, o Doutor Senn, que tinha com razão atingido renome pelo seu talento. Irmão Columba aceitou a ordem prontamente, ainda que não se importasse minimamente com o fato de que mancava ao andar. Ele temia os custos para a comunidade mais do que tudo. Ainda assim, ele decidiu ir e a cirurgia acabou sendo tão bem sucedida que pareceu a todos quase um milagre. Ao invés daquele andar marcante de antes, ele mancava agora quase que imperceptivelmente.

De volta ao seu posto, o irmão trabalhou com mais afinco e por mais horas do que nunca antes. Ele estava determinado a pagar os custos de sua cirurgia. E aqueles que estavam mais próximos dele sabiam também que ele também passou a rezar mais longamente e ardentemente do que nunca antes.

Então, um dia, o irmão chegou à sua loja com uma nova estátua do Sagrado Coração em suas mãos. Era um presente de um amigo, algo que o Irmão Columba havia desejado por um longo tempo. A estátua foi então posta num lugar de honra e, de tempos em tempos, os olhos do irmão levantavam-se para onde os olhos da imagem podiam olhá-lo de volta.

Algum tempo depois, o irmão chegou na loja com uma caixinha de velas. Daquele dia em diante, a primeira coisa que ele fazia pelas manhãs, assim que entrava na sapataria, era acender uma luz diante da imagem. Não demorou muito para que a notícia se espalhasse sobre aquele pequeno santuário e, com igual velocidade, os comentadores se dividiram entre aqueles que aprovavam e aqueles que criticavam a inovação. O bom irmão mal poderia imaginar, quando ele estabeleceu tal santuário, que ele seria notado, quanto mais que ele seria objeto de discussões. Mas nem isso o incomodava, no final das contas: ele tinha a permissão de seu superior e isso era tudo de que precisava.

"Há momentos em que não estou ocupado," ele disse a um dos ajudantes, "e eu espero poder usar estes momentos fazendo pequenos broches, medalhinhas do Sagrado Coração. Elas serão mais robustas do que aquelas que podem ser compradas, mas vão custar menos. Eu quero poder entregá-las àqueles que pedirem por elas, ou àqueles que vão fazer bom uso delas".

O homem ouviu com as sobrancelhas erguidas de espanto, mas ele não fez nenhum comentário. Afinal, o Irmão Columba estava sob o comando da sapataria. Ele era o chefe, que ele fizesse o que pensasse melhor!

Em pouco tempo, no entanto, apesar dos dedos já cobertos de calos e duros, a quantidade de medalhas confeccionadas apenas aumentava – e isso apesar da imensa quantidade que era distribuída todos os dias.

Mais uma vez a oposição surgiu. Mais uma vez dois campos de opiniões distintas foram formados.

"Por que é que qualquer pessoa ficaria incomodada com o fato de que eu estou distribuindo medalhinhas do Sagrado Coração?" ele perguntou a um amigo, quando a notícia da oposição chegou aos seus ouvidos.

"Eu não me preocuparia demais com isso, irmão. Coisas boas frequentemente encontram um obstáculo tanto na ignorância quanto na malícia".

"Ah, eu não estou preocupado não! O material foi doado e eu tenho permissão para usá-lo desta forma. Mas não deixa de ser estranho quanta conversa tem corrido por aí por causa disso".

"É por causa da publicidade, irmão. Eu só espero que você consiga continuar produzindo para atender a tanta demanda".

E ali estava o verdadeiro trabalho. O Irmão Columba continuou a usar seu tempo livre para fazer mais e mais medalhas, mas quando um aluno contava ao outro como ele havia conseguido a sua, o número daqueles que as desejavam só aumentava.

Naqueles dias, o Irmão Columba usava suas medalhas apenas como um meio de espalhar conhecimento e devoção ao Sagrado Coração de Jesus, uma devoção que ele mesmo havia praticado por anos e a qual ele conhecia através de suas leituras da Vida de Santa Margarida Maria, na qual se dizia que o Sagrado Coração desejava ser adorado no mundo inteiro. Jamais ele havia pensado em usar estas medalhas como um instrumento para inspirar a fé e curar doenças e dores. Ele simplesmente as distribuía aos alunos que chegassem à pequena sapataria e pedia que eles a usassem ao redor de seu pescoço ou que a carregassem no bolso.

Naquela época, Notre Dame ainda não era conhecida como a "Cidade do Santíssimo Sacramento". A devoção ao Sagrado Coração era mencionada com raridade, e a prática

maravilhosa de ter centenas de jovens indo diariamente à sagrada comunhão não era ainda nem um sonho na universidade.

O Irmão Columba não se colocou numa posição de profeta, inovador, ou reformador. De jeito algum! Ele apenas seguia, do seu próprio jeito, quieto e discreto, fazendo o que ele podia para compartilhar o seu amor e devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Nada para além disso jamais havia entrado em sua mente.

Mas logo chegaria um tempo em que tudo isso seria transformado. E este tempo chegaria com mais pressa do que qualquer um poderia sonhar.

Sétimo Capítulo

Em uma daquelas frequentes mudanças devido ao crescimento ou às necessidades da universidade, a loja do Irmão Columba foi movida de sua antiga localização para uma sala no primeiro andar, de frente ao Washington Hall. A mudança significava muito pouco para ele, mas foi naquela época em que amigos doaram algum dinheiro para que ele pudessem expandir sua esfera de influência religiosa.

Por anos, o Irmão Columba, para além de sua devoção ao Sagrado Coração de Jesus, tinha também uma devoção filial ao Imaculado Coração. Enquanto ele vivia em Notre Dame, a cidade de Nossa Senhora, sua devoção só havia aumentado. Agora ele finalmente teria a possibilidade de produzir centenas e centenas de pequenas imagens do Imaculado Coração e dá-las livremente para todos aqueles que frequentassem sua loja. Ele só pedia de volta que aqueles que recebessem a pequena imagem rezassem uma curta oração, impressa no verso da imagem. Estudantes pediam mais de uma medalha, para que pudessem enviá-la a seus pais, seus antigos professores e seus amigos. A quantidade exata dessas pequenas imagens produzidas pelo Irmão Columba nunca será conhecida ao certo. E quem será capaz de estimar todo o bem que ele realizou desta forma!

Parece que a distribuição das pequenas imagens do Imaculado Coração não estimulou muito mais a oposição, mas havia uma outra devoção que o Irmão Columba começou a divulgar e estimular – e essa realmente parecia uma inovação aos olhos de alguns. Tratava-se do Rosário ao Santíssimo Sacramento.

Onde exatamente o Irmão Columba adquiriu seu primeiro par de contas do Rosário do Santíssimo Sacramento, nós não sabemos. Seria interessante descobrirmos. Mas, de repente, ele apareceu não com um par de contas, mas com uma dúzia delas, entregando os terços com a mesma frequência e liberalidade com a qual entregava as medalhas do Sagrado Coração e do Imaculado Coração.

O Irmão Columba era sempre cuidadoso, explicando com calma o significado de cada objeto que distribuía e também a forma de usá-lo. Ele desejava que os indivíduos que pediam estes objetos soubessem bem o valor que poderia lhes advir a partir do uso dos sacramentais.

Um dia, um homem bem conhecido do Irmão Columba chegou a sua loja para falar-lhe. O Irmão perguntou-lhe se ele tinha um Rosário do Santíssimo Sacramento.

"Nunca ouvi falar disso," o homem respondeu.

O irmão então buscou um par de contas debaixo de sua escrivaninha.

"Aqui estão," ele disse, olhando com atenção para o seu amigo.

O irmão começou a explicar o método de usar o rosário. Explicou cada detalhe, enquanto prestava bastante atenção na forma como o visitante segurava as contas entre seus dedos.

De repente, uma outra pessoa entrou na sala. Quase instantaneamente, o irmão estendeu as contas para o homem que acabava de entrar.

"Aqui, toma isto," ele disse, sem precisar olhar outra vez os olhos do primeiro visitante da loja, "este homem não vai usar o rosário de qualquer forma".

Se o Irmão Columba havia recebido ou não uma intuição do estado interior da alma daquele homem, nós não sabemos. Mas, pouco tempo depois, soube-se que ele deixou a igreja e parou de frequentar os sacramentos.

Num outro momento, dois jovens irmãos pediram à sapataria que fizesse novos sapatos. O Irmão Columba serviu-os como era usual. Quando eles conseguiram aquilo que pediram e já estavam prestes a sair, o Irmão Columba chamou o irmão mais velho e fez um comentário, com voz seca:

"Seu amigo não vai ver seus cabelos grisalhos como um membro da comunidade".

O irmão mais jovem não fez menção daquela frase ao amigo, e pensou pouco sobre o que lhe foi dito. Poucos meses depois, no entanto, o noviço havia ido para casa.

Foi por volta dessa época em nossa história – por volta do ano de 1910 – que a notícia começou a se espalhar que o Irmão Columba estava realizando milagres. Em conformidade com os decretos dos papas e, em especial, com os decretos do papa Urbano VIII, nós aqui declaramos que estamos usando a palavra "milagre" e "cura" apenas com seu sentido puramente natural. Estamos apenas relatando por escrito os eventos da mesma forma em que estes chegaram até nós. Nós nos submetemos agora e sempre à Igreja infalível, a única que tem o poder de julgar corretamente sobre estes assuntos. Ainda temos hoje vivos muitos membros de nossa comunidade que visitavam frequentemente o Irmão Columba durante esta época. Eles todos concordam que ele falou de curas tendo acontecido tanto em sua loja quanto em outros locais.

Nós sabemos também que sua correspondência começou a aumentar através dos meses, de forma surpreendente. Muitos escreviam pedindo por medalhas, para que ele rezasse por eles, e até para que ele os curasse.

Um dos irmãos que trabalhava no correio contou ao autor que o Irmão Columba frequentemente recebia de vinte a trinta cartas por dia.

Nós sabemos que o Irmão Columba escrevia muitas cartas em resposta àquelas que ele recebia. Será lembrado ainda que o irmão não teve, propriamente, uma educação formal. Muitas de suas cartas que temos hoje em mãos comprovam que ele sabia muito pouco sobre ortografia, pontuação e gramática. Mas estas coisas não o impediam: ele escrevia a partir do seu próprio coração, sendo guiado por ele, apesar da gramática.

Um dia, sua educação insuficiente fez-se muito claramente notada. Ele estava trabalhando em sua loja quando lá entrou o presidente da universidade. Ele falou-lhe muito cordialmente, como era costume, mas não pode deixar de notar que o presidente se encontrava visivelmente perturbado.

"Irmão," o presidente começou lentamente, "você escreve muitas cartas, não é verdade?"

"Sim, padre, eu escrevo".

"E você as escreve usando os artigos de papelaria da universidade..."

"Sim, padre. Nestas folhas aqui". E o Irmão logo alcançou um maço de folhas com o nome da universidade impresso em tinta azul em cada página. Era um papel comum para escrita, o tipo de papel vendido na loja da universidade e utilizado por todos os alunos.

"Bem, irmão," o padre continuou, mais lentamente ainda, escolhendo cuidadosamente as palavras que utilizaria, "eu acho que vou mandar-lhe alguns estudantes como secretários para ajudá-lo nas suas correspondências. Acho que será muito melhor assim. Você pode esperar a chegada deles já a partir de amanhã ou no dia seguinte".

Assim que o presidente deixou-o a sós, o Irmão Columba parou, perplexo com a situação. O que é que ele queria com os secretários? Ele simplesmente não podia ditar cartas. Ele não queria estudantes jovens escrevendo suas cartas em seu lugar. Bem, algo precisaria ser feito a respeito disso. O irmão levantou-se, fechou sua loja, trancando a porta, e dirigiu-se ao Superior Provincial.

O Superior Geral era um grande homem em todos os sentidos. Não importava quem entrasse em seu escritório, ele parecia pronto para qualquer coisa e, portanto, quando entrou o Irmão Columba, ele o recebeu calorosamente.

Já que o Irmão tinha um motivo específico para sua visita, ele foi diretamente ao ponto.

"O presidente diz que vai enviar dois secretários para escrever as cartas em meu lugar. Eu não quero ninguém escrevendo minhas cartas por mim!"

"Dois secretários!" exclamou o Provincial. "Quem está enviando secretários para você?"

"O presidente. Eu não os quero, padre. Eu quero escrever tudo aquilo que me vem ao coração. Não posso ditar minhas cartas a ninguém".

O padre Provincial olhou para o irmão nos olhos por um momento, em silêncio, e enfim lhe respondeu: "não se preocupe com isso, irmão. Pode seguir em frente e escrever da forma como preferir. E se o presidente te perturbar outra vez, você deve responder para ele que, se você soubesse soletrar e pontuar como as pessoas importantes ao seu redor, você não estaria fazendo milagres".

Com isso, o Irmão Columba retornou à sua loja feliz e satisfeito. Se o presidente chegou a dizer algo mais ou não, nós não sabemos, mas sabemos que o irmão continuou a escrever suas próprias cartas e com os objetos comuns de papelaria.

E, pelo que sabemos, ele tinha cada vez mais e mais cartas para escrever. Pessoas de South Bend e das cidades ao redor vinham para ver o homem milagroso. Mais uma vez, aqueles que gostavam e aqueles que rejeitavam essa situação começaram a falar e compartilhar suas opiniões. Alguns homens argumentavam que a faculdade estava sendo sobrecarregada com pessoas de fora, que havia risco à saúde dos estudantes e da comunidade com tantos doentes vindo constantemente contar de seus sofrimentos ao sapateiro. Um fim deveria ser posto a toda esta história o mais rápido possível. Muitos foram até o presidente para falar sobre a situação, até o ponto de influenciarem o presidente, de fato, a pedir ao Irmão Columba que parasse de fazer o que vinha fazendo. Mas o presidente assumiu algo incorretamente: ele assumiu que era o superior do Irmão Columba. Se ele fosse, o irmão teria prontamente obedecido, pois ele foi sempre profundamente obediente. Na realidade, contudo, o Irmão Columba simplesmente lembrou ao presidente que ele não apenas tinha a permissão

do Superior Local, mas também do Superior Provincial. O presidente percebeu imediatamente e retirou seu pedido, dando-se conta de que havia excedido os limites de sua autoridade – mas ainda assim, sem convencer-se de que o irmão estava agindo corretamente.

Durante este tempo, o Irmão Columba continuou seu trabalho e suas orações. Sua entrega pessoal ao Sagrado Coração de Jesus era forte o suficiente para que ele soubesse que tudo funcionaria de acordo com os planos de Deus.

Oitavo Capítulo

Deste ponto em diante da história – dia nove de outubro de 1912 – não precisamos mais depender exclusivamente do relato daqueles que, como o autor dessa história, conheceram pessoalmente o Irmão Columba, pois temos à nossa disposição uma infinidade de cartas escritas do próprio cunho do irmão. E não há dúvida de que ainda muitas outras cartas podem ser descobertas, sob a posse de amigos e clientes do irmão. As cartas mencionadas a seguir foram escritas a um amigo clérigo de Iowa e perpassam um tempo de dez anos. A maior parte das cartas que temos são respostas do Irmão Columba às cartas deste padre e, uma vez que não temos suas cartas dirigidas ao irmão, o conteúdo de algumas respostas não fica sempre evidente.

Na primeira carta, o irmão nos dá uma ideia de seu método de abordagem: *"eu vou rezar pela menininha doente também. Dê uma medalha para ela usar e mande ela dizer, 'Sagrado Coração de Jesus, cura-me,' cinco vezes por dia, durante um tempo. Vamos oferecer sua cura através do Coração da Bem-Aventurada Virgem Maria"*.

É evidente que o irmão está em solo seguro ao ir para Jesus através de Maria. Nisto, ele está seguindo o caminho dos santos. Também é claro que ele espera por uma cura, já que ele escreve: *"Vamos oferecer sua cura através do Coração da Bem-Aventurada Virgem Maria"*.

Numa carta datada do dia dezesseis de novembro, ele escreve: *"vou fazer uma novena por estas duas intenções. Alguns alcançam e outros não. Estou conseguindo muitos casos de asma curados. Havia um caso de uma pessoa morrendo em Indiana Harbor, o médico já havia desistido. A mulher escreve que eu realizei uma cura maravilhosa nela. Estou recebendo cartas de todos os lugares. Ainda assim, nunca boto uma linha no jornal... Não tenho despesas de nenhum tipo que valeria a pena falar sobre. Quanto preciso de dinheiro, consigo-o rezando para isso"*.

Depois de assinar a carta, o irmão adiciona uma nota: *"Eu tenho uma menina de muletas em Detroit. Eu pedi para ela que me enviasse as muletas. Não ria!"*

Há certas coisas sobre a carta acima que são comuns a todas as cartas que possuímos. Primeiro de tudo, é digno de nota que o irmão está sempre rezando. Em segundo lugar, ele demonstra uma candura própria às crianças ao escrever sobre as curas. Além disso, em terceiro lugar, ele se surpreende que as pessoas ouçam falar dele, sem que ele jamais apareça

no jornal ou em outras mídias. Finalmente, devemos notar sua perfeita confiança no Sagrado Coração: "*Quanto preciso de dinheiro, consigo-o rezando para isso*" e "*Eu pedi para ela que me enviasse as muletas*". Há, também, certas expressões que ele usa sempre: "*Alguns alcançam e outros não*". Ele quer dizer que alguns alcançam a cura e outros não. Outra expressão comum é "*Não ria!*" E, antes de sua assinatura, como um término amável à carta, ele escreve, de seu jeito inconfundível: "*Amor gentil.*" Traços assim nos remetem à simplicidade de São Francisco de Assis.

A última carta que possuímos de 1912, datada do dia vinte de novembro, começa da seguinte forma:

"Querido padre,

Eu recebi a sua carta, que é muito bem-vinda. Mande todas as suas pessoas aflitas. Não é nenhum incômodo para mim. Às vezes, tenho sessenta novenas ao mesmo tempo. Tive duas curas neste domingo. Um era uma infecção com pus. Está curado. Outro, com tuberculosis, tossia muito: uma jovem menina. Assim que ela pôs a medalha, a tosse a deixou. Também tive um na segunda: um homem jovem, casado, na Irlanda. Ele não bebe desde agosto.

Pediram que eu visitasse uma senhora no hospital. Parecia não haver esperança. Ela tinha acabado de passar por uma cirurgia. Foi posta na cama de noite e, pela manhã, estava se afogando pela quantidade de pus vindo de suas costas até o seu pescoço. Agora, ela está em casa, bem e trabalhando. Ela disse que, assim que eu a deixei, o pus parou de correr e os médicos não conseguiam entender. Se eles rezassem suas orações, eles teriam entendido.

Eu levo as pessoas para o seu dever. E crianças batizadas. Então você pode perceber que eu tenho um trabalho e tanto. Eu respondi a três cartas. Eu não digo muito nelas. Eu tenho um pouco de tempo entre os tempos na sapataria".

Nesta carta, nós temos a primeira indicação de que o Irmão Columba saia, por vezes, da universidade de Notre Dame para responder ao apelo daqueles que não podiam ir visitá-lo. Através dos anos que se passaram, o irmão fez ainda muitas visitas, algumas delas para bem longe de casa, mas sempre com a permissão de seus superiores. Frequentemente, pessoas chegavam e levavam-no para os hospitais ou para as casas daqueles que estavam doentes. Estas coisas não o incomodavam minimamente. Quando o voto de obediência permitia ou até necessitava que ele fosse, ele ia como uma criança para uma festa.

Nesta carta também temos a primeira menção de um vasto trabalho espiritual que ele tentava realizar com aqueles que necessitavam deste ainda mais do que de alívio físico.

Relatar aqui uma carta depois da outra, fazendo comentários sobre cada uma delas, seria talvez entediante para o leitor – apesar das cartas serem, de fato, muito interessantes. De vez em quando, no entanto, providenciaremos uma citação, a fim de dar uma nova luz à personalidade do Irmão Columba, bem como ao seu trabalho.

Numa carta datada do dia dezessete de janeiro de 1913, nós lemos: *"Eu estava na escola de St. Mary's, uma escola para meninas à distância de dois quilômetros daqui. Nestes últimos tempo tem havido muitas curas por lá. Enquanto eu estava em St. Mary's, dez irmãs vieram para mim por causa das curas. Se ajoelharam para que eu fizesse o sinal da Cruz sobre elas com a medalha. Isso não te mataria? Nunca busquei isso. Deus me honra e me humilha ao mesmo tempo"*.

No dia doze de agosto daquele mesmo ano, uma nova observação entra em suas cartas:

"Uma menina paralizada foi trazida até aqui e um menino com tuberculose. Da mesma família, protestante. Os dois estão se curando. Quase todos os protestantes conseguem." O irmão se admirava com a grande fé que os protestantes mostravam.

É muito interessante notar, lendo as cartas do Irmão Columba de 1914, que ele não faz menção à guerra terrível acontecendo na Europa. Toda a sua atenção é voltada ao seu trabalho, a suas orações e à população que vem até ele ou para a qual ele é enviado pelos seus superiores.

Numa carta do dia trinta de outubro de 1914, nós lemos: *"Eu tive que sair da cama para ir a um homem louco. Foram necessários dois homens para segurá-lo. Você não pode imaginar as coisas que ele dizia. Eu pensei que o demônio estava nele. O padre e o médico estavam lá. Eu o abençoei com a medalha e sentei e rezei. Ele foi dormir e acordou na manhã curado"*.

Mas nem todas as cartas do Irmão Columba para o padre são preenchidas de relatos de curas. Algumas cartas são muito humanas, como aquela do dia quatro de novembro de 1914: *"tudo ficou com os democratas neste estado e cidade. Muitos católicos estão se candidatando. Nós perdemos cinquenta e dois bois por causa da doença da cabeça e dos pés. Nós compramos gado para matar"*.

Essas observações são curtas, no entanto, pois ele logo volta a falar sobre sua devoção ao Sagrado Coração: *"Eu não esqueci as pessoas de cor... Se eu retornar outra vez para Keokuk, eu vou para a igreja deles e vou ensiná-los sobre a devoção ao Sagrado Coração e vou entregar medalhas e imagens para eles... Não vou falar nada sobre conversão. Que o Sagrado Coração faça o resto!"*

Por bastante tempo, o Irmão Columba havia desejado e nutrido esperanças a respeito de um santuário para o Sagrado Coração na universidade de Notre Dame. A primeira menção a respeito dessa esperança em cartas aparece no dia onze de novembro. Nesta carta, ele diz: *"eu rezei para ter um milagre que as pessoas pudessem ver... Nunca fiz isso antes. Meu objetivo era conseguir um santuário. As pessoas precisam ver algo"*. No entanto, ele não chegaria a ver em vida o seu sonho de um grande e separado santuário realizado.

Enquanto os meses passavam, o número de pessoas que chegava para o campus da universidade aumentava constantemente. Cada correspondência trazia sua porção de cartas. O número de viagens que o Irmão Columba era obrigado a fazer, por conta do voto de obediência, tornava necessário que seu trabalho na loja fosse confiado a outros. Quase todos os dias, ele ouvia a respeito de um número significativo de milagres.

No dia doze de outubro de 1915, ele escreve ao seu amigo clérigo: *"Eu tive dois casos de pessoas com a mandíbula presa. Protestantes – ambos curados. Um era um homem, o outro, uma mulher. Eu fiz o sinal da Cruz em suas bocas com a medalha. A boca do homem abriu-se instantaneamente; a da mulher, em dois dias. Ambos estavam perfeitamente curados"*. Ele termina a carta dizendo: *"Reze para o Coração de Maria. É assim que eu consigo tantos favores. Eu fiz vinte e cinco mil do Imaculado Coração antes de fazer qualquer coisa com o Sagrado Coração"*.

Nós temos apenas quatro cartas do Irmão Columba para o ano de 1916. Numa datada do dia cinco de dezembro, nós lemos: *"uma senhora estava há quarenta anos de cama. Depois de uma novena, ela se levantou e começou a caminhar"*. Ele também nota: *"Eles estão consertando a Capela de Madeiras [Log Chapel], então poderei estar lá aos domingos"*.

Mas o Irmão Columba não chegou a usar a Capela, pois logo depois de ter escrito esta carta, ele ficou de cama com a influenza. A epidemia se espalhou pelo país durante a primeira guerra mundial. Notre Dame não escapou do sofrimento e tanto jovens quanto idosos caíram por causa dele. Apesar do fato de o Irmão Columba já ter, nessa altura, altos sessenta anos, ele

sentiu que não poderia ficar repousando e que precisava ajudar os doentes. Sobrecarregando a sua vitalidade, ele se tornou uma vítima da doença e logo já não se tinha esperança de que fosse viver muito mais. A comunidade dobrou suas orações e amigos de todas as partes do país encheram o céu de pedidos por sua cura. Ele sobreviveu a doença, mas o seu vigor e a sua saúde de antemão nunca mais retornaram-lhe.

No dia vinte de janeiro, ele escreve: *"Eu estou bem outra vez. Não tão forte, mas pareço o mesmo. Eles pensaram que eu morreria, já que estou velho e que a doença é tão terrível. Acho que as orações me salvaram. Isso vai me ensinar a ter algum sentimento pelos outros"*.

Assim que o Irmão Columba se recuperou, ele voltou ao trabalho. Visitantes chegavam todos os dias e, das suas cartas, aprendemos que ele outra vez fez viagens a vários lugares para ver aqueles que estavam doentes demais para ir até ele. Em sua carta do dia trinta de abril, nós lemos: *"Não gosto de sair com tanta frequência. Ainda assim, eu raramente perco a cura quando eu vou."* Na mesma carta, ele adiciona: *"No próximo domingo, eu vou abrir as minhas visitas na Capela. Está bem arrumada já"*.

As cartas deste ano todas falam das jóias e pedras preciosas que as pessoas estão mandando. O irmão pretende ter o ouro derretido e feito num belo cálice que pode ser ornado com jóias. Ele também nota que dinheiro tem sido enviado para a construção de um santuário apropriado para o Sagrado Coração de Jesus.

Há apenas uma carta em nossos registros do ano de 1918. Nela, o Irmão Columba diz que passou vinte e quatro dias em Joliet, Illinois. *"De uma a duas centenas por dia. Todas as classes sociais vêm e os negros conseguem curas instantaneamente quando eu os abençoo. Centenas foram curados... Chegando o tempo todo de cidades próximas e de Chicago"*.

Durante a estadia do Irmão Columba em Peoria, um ministro protestante local, o Rev. Carl F. Bruhn, escreveu o seguinte artigo para o jornal *Joliet Evening Herald-News*:

"Já haverá passado a era de milagres? Se curas maravilhosas foram realizadas por Jesus há dezenove séculos atrás, e se Ele é, como creem os cristãos, o eterno e onipotente, não podem as mesmas curas físicas serem realizadas hoje, da mesma forma em que eram nos dias em que Ele andava pela terra?"

Haverá alguns, em todas as épocas, que acreditam que a resposta para essas perguntas é em enfático 'Sim!' Há muitos em Joliet hoje que acreditam que eles podem dar testemunho, com os seus próprios olhos, de que viram estas coisas nos últimos dias.

O Irmão Columba, que vive na universidade de Notre Dame, está visitando Joliet por algum tempo, tendo vindo primeiramente para buscar o alívio da senhorita Agnes McFadden, que estava sofrendo de neurite após uma operação. Grandes multidões se formavam todas as tardes na casa da senhora Ann Delaney, onde o Irmão Columba tem estado durante seu tempo em Joliet. Muitas ocasiões de cura têm sido reportadas: curas realizadas em resposta às orações deste homem simples, com uma fé igual à das crianças.

Para um jornalista da Herald-News, o Irmão Columba disse que este poder não reside nele, que ele não entende como pode operar estas curas no lugar de outras pessoas e também não entende como alguns parecem se curar através dele e outros não. Ele disse que estava visitando a cidade no interesse dos doentes e dos aflitos e ele permaneceria por quanto tempo fosse proveitoso para eles. Ele não busca publicidade ou recompensa por seu trabalho.

Entre as curas realizadas em Joliet, podemos mencionar a restauração da fala de Bessie Egan, que fora muda por quatro anos, em consequência da febre de escarlatina. Por sua vez, Elizabeth Delaney, que perdera a visão de um olho há dezenove anos, disse que ela pode ver melhor agora do que foi capaz em muitos anos. Uma menina de treze anos que era surda recuperou a sua audição e a neurite da senhorita Agnes foi profundamente amenizada.

O Irmão Columba diz que ele já curou pessoas que estavam com distúrbios psicológicos, outros que estavam surdos, cegos e mudos. Já curou muitos atingidos pelo câncer, outros com raiva ou mandíbula presa. Ele diz que já ocorreram mil e trezentas curas através de correspondências por cartas com aqueles que não podiam vir pessoalmente a ele. Durante o dia, ele é levado a diversas casas para ministrar aos doentes que não podem se locomover até ele.

Quando perguntado se a fé é uma condição necessária da parte do indivíduo buscando cura, o homem milagroso responde: *'Ninguém pode esperar ser curado se ele rejeita seu dever. O Senhor pode curar essas pessoas todas, mas não é provável que Ele o faça. A cura do corpo não é verdadeiramente uma bênção a não ser que a alma seja também curada. Algumas pessoas piedosas não são curadas. Parece que o Senhor não pode fazer santos de alguns a não ser que Ele vire o seu mundo de cabeça para baixo'*.

Ele não faz distinção entre Católico e Protestante, em relação à possibilidade do milagre. Quando perguntado sobre o método da cura, ele diz: *'Isto não é uma Ciência Cristã, mas sim oração ao Sagrado Coração de Nosso Senhor.'*

A medalha do Sagrado Coração é dada àquele que sofre e uma oração especial é repetida. Aos Protestantes, o Irmão Columba diz que eles podem rezar de sua própria forma.

Epiléticos, tuberculosos e todos os aflitos estão sendo levados à casa de Delaney ou estão sendo visitados pelo Irmão Columba. Diz-se que o número de curas em Joliet até agora é mais de vinte. Não há registro de nomes sendo feito (já que não há desejo de publicidade) fora o fato de que aqueles que foram ajudados falam ao seus amigos e conhecidos.

O Irmão Columba é um homem de pouca instrução – ao menos, em relação a uma educação formal. Ele é um sapateiro por profissão e trabalha ainda na sapataria quando não está realizando seu ministério aos doentes. Suas mãos demonstram a marca do trabalho diário. Ele tem um rosto alegre e um espontâneo humor irlandês, com uma resposta e um provérbio para cada pergunta. Ele parece absolutamente sincero e não tem nenhuma das marcas de um impostor religioso. Nenhum dinheiro é pedido por suas curas."

A próxima carta que temos acesso nesta época é datada do dia dezesseis de maio, de 1919: *"Eu estou frequentemente fora de casa. Estarei em Decatur dentro de dez dias. Oito dias em Chicago, quatro em Joliet... Muitas curas – e boas curas!"* E na última carta deste ano, do dia dezessete de setembro, ele diz: *"Estão começando a construir o seminário... E o santuário vai ocupar uma parte, uma asa dele. Eu não gosto do plano, mas não devo dizer nada. Na medida em que as curas continuarem a se realizar, não me preocupo com mais nada".*

Em maio do ano seguinte, o Irmão Columba admite: *"Não estou bem desde que peguei a influenza."* Mas ele continua a ir à sapataria sempre que está em Notre Dame. As pessoas correm ao seu encontro e ele ainda passa muito tempo respondendo cartas.

Em janeiro de 1921, ele escreve: *"Eu estou muito bem, mas não como estava antes. Eu tenho uma tosse... O santuário está quase terminado... Eu estou feliz de ter vivido para ver ao menos isso."* Mas é fácil perceber, pela brevidade de suas cartas, que o irmão não está bem. *"Eu estou... trabalhando na direção contrária das correntes."* No dia doze de novembro, ele escreve: *"nós devemos ser submissos aos caminhos de Deus".*

Nós temos apenas cinco cartas dele no ano de 1922. Elas são todas curtas, o que nos dá um bom indício da quantidade de trabalho que o Irmão Columba estava tentando realizar e também da sua energia decrescente. A respeito de sua saúde, ele diz: "*Eu estou muito bem, mas tenho uma tosse*"; "*Eu tenho pouco ar*"; "*talvez mais tarde eu me sinta melhor*". Seus outros interesses são: ajudar os aflitos, suas orações, uma respeitada noviça com estigma na comunidade de Irmãs de Santa Cruz em Nova Iorque e o novo santuário.

A respeito da noviça, ele diz: "*Ela soube de mim, de alguma forma. Está interessada em mim e na devoção. Ela cobre a medalha do Sagrado Coração com celulóide. Ela já me mandou uma*". A respeito do assunto do novo santuário, ele escreve: "*O Superior Geral e o Superior Provincial desejam que o Santuário do Sagrado Coração esteja na parte de trás de nossa Igreja do Sagrado Coração*".

A última frase escrita que temos revela a simplicidade típica e bondosa do Irmão Columba: "*Dê a Mack este dólar para que ele possa comprar uma boa refeição*".

Nono Capítulo

O ano de 1923, o último que o Irmão Columba passaria nesta terra, encontrou-o como um homem magro e fraco com uma forte tosse. Sua condição asmática, resultante do sério ataque que teve pela influenza em 1917, gradualmente tornou-se pior e, por vezes, sua respiração curta tornava impossível que ele sequer deixasse o seu quarto. Quando ele estava se sentindo bem o suficiente, e quando a temperatura estava esquentando, ele se sentou enfim do lado de fora, num banco debaixo do sol. Ali seus clientes o encontraram e, apesar de sua condição debilitada, foram todos recebidos por ele. Todos tiveram, naquele dia, quem escutasse seus sofrimentos, os consolasse e, da melhor forma possível, os abençoasse com a medalha do Sagrado Coração, encorajando-os a rezarem com fervor por si mesmos.

As cartas continuaram a chegar abundantemente em seu correio, mas era necessário para o Irmão aceitar agora o bom serviço de alguns seminaristas, vivendo em Moreau Hall, que com prazer escreviam as respostas que o Irmão Columba ditava para eles.

O verão de 1923 foi um dos verões mais quentes, mesmo para os parâmetros de Indiana. Com a progressão de seu quadro asmático, o Irmão Columba achou muito difícil continuar seus afazeres comuns. Ele ficava, então, sentado do lado de fora do seminário, sempre que possível. Foi lá que ele estava sentado quando o Irmão Isidore tirou a foto dele que aparece em seus cartões obituários e que agora é bem conhecida por todos os seus amigos. Era lá que vinham-lhe padres, irmãos e freiras da escola de verão para falar com ele durante as aulas.

No final do verão, o Irmão Columba mostrou algum progresso. A partir do momento em que o campus da faculdade já estava mais vívido e povoado pelos alunos para o semestre de outono, ele esperava retornar à sua vida ativa no trabalho. Mas aqueles que o conheciam bem sabiam que ele já não era mais tão forte quanto antigamente. Seus superiores acompanhavam a situação cuidadosamente para prevenir que ele se sobrecarregasse no trabalho.

O pe. Charles O'Donnell, C.S.C, havia sido eleito Superior Provincial da província dos Estados Unidos em 1920 e, tendo sido sempre um admirador e amigo próximo do Irmão Columba no decorrer dos anos, ele agora o chamava frequentemente. Agora que o Irmão Columba já não era mais capaz de deixar os arredores da Casa da Comunidade, a ansiedade do Superior Provincial pelo bem-estar dele só aumentava.

No início de outubro, o irmão já não mais conseguia se levantar de sua cama. Os visitantes continuavam a chamá-lo e se decepcionavam por não serem admitidos em seu quarto particular. Eles haviam se acostumado a depender tanto dele para ajuda e consolação que sequer conseguiam conceber as regras monásticas a serem observadas.

Estando doente e de cama, o Irmão Columba enviava orações constantemente ao Sagrado Coração por todos os seus amigos e clientes. Ele sugeria respostas aos redatores das respostas às cartas que chegavam todos os dias, até que, enfim, o médico não mais permitiu que ele se esforçasse dessa forma.

No fim de novembro, todos estavam cientes do fato de que o Irmão Columba não tinha muito mais tempo de vida. Ele estava calmo e em paz. Ele nunca pediu por nada extraordinário e muitas vezes pedia àqueles que o serviam que não trabalhassem demais por sua conta. Ele, que havia sido incansável na tarefa de aliviar o sofrimento dos outros, mostrava-se intensamente grato pela menor das atenções e cuidados que recebia, temendo sempre ser um fardo para os outros.

O corpo do Irmão Columba, outrora robusto, era agora um esqueleto coberto de pele. Ele até mesmo parecia ser um homem pequeno. Sua penosa respiração chegava em curtos intervalos desiguais. Havia apenas um leve rosado em seu rosto – tudo o mais nele era branco como o lençol da cama. Durante o dia, as boas irmãs da Santa Cruz que tomavam conta da enfermaria conferiam-lhe constante e tenro cuidado. Durante a noite, os irmãos da Casa da Comunidade e de Dujarie revezavam-se em turnos para estar com ele.

Assim que o médico julgou recomendável, foi administrada a unção dos enfermos. O irmão os recebeu com a maior devoção e mostrou-se muito feliz. O Pe. O'Donnell deu ordens para que o chamassem prontamente, assim que se tivessem sinais de que o irmão estava morrendo.

As notícias da gravidade da condição do Irmão Columba viajaram rapidamente de uma boca à outra. Aqueles que haviam sido ajudados por ele encorajavam seus amigos a rezarem por sua melhora. A comunidade não fazia nada para chamar atenção, porque tinha-se medo de que as notícias pudessem provocar algum tumulto no campus.

A noite do dia dezoito de novembro foi especialmente difícil para aquele homem que tanto sofria. Sua fraqueza extrema e condição asmática faziam que fosse quase impossível respirar. Ainda assim, ele estava calmo e completamente resignado.

Quando os primeiros raios do amanhecer cinzento apareceram no céu, a morte estava próxima. O Superior Provincial foi chamado e correu em direção ao quarto do irmão. Ele deu, então, ao humilde servo do Sagrado Coração a absolvição final, recitou as orações pelos defuntos e ouviu o último, frágil suspiro. A bela alma do Irmão Columba havia ido ao encontro de seu grande Amigo.

Eram sete horas e trinta e cinco minutos, de uma terça feira de manhã. Dia vinte de novembro de 1923.

O Pe. Charles O'Donnell permaneceu em silêncio, de joelhos, com a cabeça enfiada nas mãos. Ele estava fazendo ardentes pedidos ao seu amigo falecido e, entre estes pedidos, um em especial.

Um antigo amigo dele, já há muitos anos na cama, inteiramente cego e bastante surdo, não recebia mais os sacramentos há muito tempo. O padre tinha uma tristeza profunda por causa deste fato. Ele havia tentado de toda forma levar o homem à confissão e à comunhão. Agora, ele poderia pedir ao Irmão Columba. Ele pedia por um favor especial, como sinal de que o irmão e todo o seu trabalho haviam sido agradáveis a Deus e de que o seu velho amigo retornaria aos sacramentos. Não há dúvidas de que o padre fez muitos outros pedidos ao Irmão Columba – mas este, ele compartilhou com outros.

Quando chegou o sábado que se seguiu à morte do Irmão Columba, o homem idoso disse a um de seus amigos: "Não é sábado hoje?"

"Sim. Por que?" O outro disse, alto o suficiente para que fosse ouvido.

"Quero ir à confissão e gostaria que me trouxessem a sagrada comunhão amanhã".

O Pe. O'Donnell teve sua resposta. Para ele, nada mais era necessário.

Décimo Capítulo

Na quarta-feira, o corpo do Irmão Columba, vestido com o hábito dos Irmãos da Congregação de Santa Cruz, foi trazido ao salão da Casa da Comunidade. Nenhuma reportagem apareceu no jornal de South Bend, mas as notícias se espalhavam ampla e rapidamente. Centenas chegavam para rezar e para encostar seus objetos nas mãos do Irmão Columba, a fim de que servissem de relíquias em suas casas.

Já que o salão era muito pequeno, a multidão ali presente em muito superava a sua capacidade. Assim, diversos membros da congregação precisavam estar lá para organizar o movimento de tantos. A turba de pessoas continuava pelo decorrer do dia, até o cair da noite. Às sete e quarenta e cinco, tornou-se necessário negar a entrada dos que estavam chegando, para que o caixão fosse fechado e para que o corpo fosse levado à capela da universidade, a capela de Nossa Senhora do Sagrado Coração, para a Missa de Réquiem e o serviço do enterro.

Amigos e clientes entraram em fila de ambos os lados da rua, enquanto a carreta levava o corpo para a igreja. Esta já estava lotada mesmo antes do caixão chegar. Muitos choravam abertamente, como se o irmão tivesse sido seu pai ou sua mãe.

A Missa foi cantada pelo padre Joseph Gallagher, C.S.C, que era então o Superior da Casa da Comunidade. Como regra, nenhum sermão era pregado no funeral de um dos membros da congregação, mas o Superior Provincial, o padre Charles O'Donnell, sentiu-se impulsionado a pregar. Ele subiu ao púlpito, adentrando um grande silêncio ao seu redor. Seu rosto estava marcado pela solenidade do momento. Depois de uma breve pausa, durante a qual o padre parecia olhar para muito além da assembléia, ele começou a falar em sua opulenta e clara voz:

"Aprende de mim, que sou manso e humilde de coração.

Estou certo de que, se o homem que morreu pudesse nos falar, seria algo feliz que ele teria a nos dizer. Ele era tão sábio e tão sincero, sua humanidade era tão abrangente, sua piedade era tão simples e tão prática – é difícil ver como até mesmo a grande mudança que é a morte poderia ter alterado o homem que conhecemos. Apesar de toda a sua sabedoria e os seus anos, ele era uma criança simples e boa e ele caiu no sono como uma criança cansada nos braços de Deus. Se ele pudesse falar algo daquilo que ele já sabe para além de nós, ele diria algo feliz, uma palavra feliz de que tudo está bem e de que nossa fé e nossa esperança estão

realizados e de que a caridade não falha. De seu próprio jeito brilhante e original... Sim, bem próximo ao Sagrado Coração.

Que realidade maravilhosa, meus amigos, é esse funeral! Aos olhos do mundo, nós nos reunimos simplesmente ao redor dos restos de um velho homem cuja vida foi de pouca relevância aos homens. O mundo não vê nele nada de especial em seu nascimento, riqueza, educação. Ele não escreveu nenhum livro, não inventou nada, não contribuiu para o chamado "progresso da humanidade". Ele era um sapateiro durante o dia e algumas vezes enfermeiro à noite. Ainda assim, seu nome hoje é conhecido por milhares, milhares que vinham durante o ano visitá-lo. A notícia de sua morte é levada pela imprensa a longas distâncias e a família de religiosos da qual ele faz parte se reúne hoje para dar-lhe toda a honra que podemos dar. Nos últimos dois dias, os fiéis numa corrente inesgotável têm se aproximado dele para tocar seus rosários e suas medalhas em suas mãos ou para demorar-se em profunda devoção, mirando seu rosto simples e em paz.

Qual é o segredo dessa distinção, dessa relevância que o Irmão Columba tem para nós? Qual é o coração desse mistério? Será que tudo isso é fruto apenas de nosso sentimento e credulidade, ou havia mesmo algo nele e em sua vida que fundamenta nossa estima? A resposta não é nova, assim como os próprios termos do problema já são familiares na história dos homens de Deus. Há uma distinção que é moral e espiritual. É a mais alta de todas as distinções e é alcançável aos mais humildes, ou melhor, é alcançável apenas àqueles que sabem ser mansos e humildes de coração. E era justamente assim o Irmão Columba – e é a esses que pertence o Reino dos Céus.

Sua história, da qual o mundo conhece tão pouco, é a história de um romance divino. Uma criança com pé deformado, filho de pais pobres, ele recebeu pouca educação, trabalhando desde jovem nas minas de carvão da Pennsylvania. As portas da oportunidade estavam fechadas para ele – todas, menos uma. Seus pais, no início de sua carreira, puderam dar-lhe apenas uma chave, mas era a chave do Reino dos Céus: era a fé que São Patrick trouxe para a Irlanda, a fé que São Columba alimentou e que milhares de irlandeses protegeram quando tudo o mais estava perdido. E com essa herança o jovem rapaz nas minas de carvão era rico. Não importava suas deficiências financeiras e físicas, ele podia caminhar no que era o melhor de cada idade e seu pé deformado não tropeçava na estrada rumo ao Céu.

Era evidente desde cedo que esta era a estrada que ele deveria percorrer. Desde os quatorze anos, ele mesmo nos disse, sentiu um chamado especial para servir a Deus na vocação religiosa. Mas foi apenas doze anos mais tarde que seus passos levaram, por caminhos estranhos e tortuosos – mas ainda assim pela condução de Nossa Senhora – até Notre Dame e até a Congregação de Santa Cruz. E aqui, por quase cinquenta anos, ele não tinha dúvidas de que havia chegado onde Deus queria que ele estivesse. Ele se ofereceu para ir às missões no estrangeiro, ele se ofereceu para ir a Molokai ajudar o Pe. Damien junto aos leprosos. Os superiores deram-lhe o trabalho de trabalhar na sapataria da universidade, como o sapateiro da comunidade. E ali ele permaneceu e trabalhou até que, no percurso do tempo, a providência divina fez de sua sapataria um verdadeiro santuário. O humilde sapateiro havia aprendido a remendar almas imortais.

O processo de seu aprendizado não é todo misterioso. *Aprende de mim que sou manso e humilde de coração*, disse Aquele cujas palavras eram toda a vida do irmão sapateiro. São José, seu patrono especial, viveu e morreu como carpinteiro. O Filho de Deus mesmo havia santificado o trabalho manual através de seu próprio trabalho. Grandes ideias, altas intenções podem acompanhar as ações mais simples, e veja, a história do irmão é contada. Quem poderia vislumbrar a profundidade de sua união com Deus naquelas horas de trabalho comum, longe dos valores ilusórios do mundo? Que lições ele deve ter aprendido do divino Mestre que lhe conferiram sanção e poder para seu exemplo e suas palavras quando, mais tarde, o mundo criaria um caminho até a sua porta! O dia chegou em que a obscuridade de sua vida escondida terminou e o simples irmão trabalhador fez brilhar uma luz toda sua sobre as realidades mundanas que lhe cabiam.

Mesmo que ele não tenha começado a devoção ao Sagrado Coração em Notre Dame, ele ainda assim promoveu-a ativamente, uma devoção que trinta anos atrás não tinha o favor geral que tem agora. Seus esforços foram coroados com um sucesso peculiar. Ele viveu para ver – como ele mesmo disse há poucos dias atrás em seu leito de morte – Notre Dame como um todo transformada no santuário do Sagrado Coração. A Bem-Aventurada Virgem Maria e o Sagrado Coração nunca estiveram separados em sua devoção. Ele fez com suas próprias mãos e distribuiu trinta mil medalhas do Imaculado Coração de Maria. Grandes obras são muitas vezes realizadas de forma bastante simples. De alguma forma lhe ocorreu que a medalha do Sagrado Coração poderia ser o veículo de divulgação da devoção. É interessante

notar na vida de Santa Margarida Maria (para quem esta devoção especial foi revelada como uma forma de apostolado antes de todos) que, desde o início, sua grande preocupação era que uma imagem fosse impressa e posta em circulação. É interessante também notar que os primeiros aderentes do Sagrado Coração, na Paray-le-Monial, há duzentos e cinquenta anos atrás, levavam consigo pequeninas imagens do Sagrado Coração.

Não é a minha intenção discutir com muitos detalhes o apostolado de devoção ao Sagrado Coração realizado pelo Irmão Columba. A devoção era simplesmente sua vida inteira. No último ano ele disse, com sua bem-humorada simplicidade, essa simplicidade que fazia dele tão são e tão humano: *eu morrerei um desses dias e talvez eles publiquem algo sobre mim no The Scholastic. Você pode falar para eles escreverem que havia um velho sapateiro em Notre Dame, que ele tinha devoção ao Sagrado Coração, e que parece ter havido alguns milagres.* Nessas poucas palavras, ele escreveu sua autobiografia. *Aprendi de mim que sou manso e humilde de coração.* Alguns talvez interpretem como timidez, outros como a característica reserva dos religiosos e das autoridades eclesiásticas o fato de que nunca houve uma investigação oficial desses resultados aparentemente sobrenaturais. Seja como for, o bem que ele fez não pode ser desfeito, nem sua vida deixada de ser vivida, nem a glória dos servos de Deus perecer, nem os trabalhos de Deus serem reduzidos a nada. Mil anos ao lado d'Ele são como um dia e Ele não deixará seus santos verem a corrupção.

O corpo do nosso amado Irmão Columba será enterrado em nosso pequeno cemitério da comunidade, um corpo marcado pelo trabalho, pelos sofrimentos ocultos e pelas longas vigílias noturnas cuidando dos doentes. Quanto à sua alma, nós acreditamos que já esteja face a face com Deus. E nós nos recordamos agora, enquanto enterramos seu corpo, do descanso merecido daquela multidão de homens simples, religiosos trabalhadores que, como o Irmão Columba, desejaram apenas ter o último lugar em tudo. Ele vai se juntar ao Irmão Alfred, o pedreiro que levantou as paredes desta igreja; e também ao irmão Neil e ao Irmão Augustus, que foram da alfaiataria ao Paraíso; ao Irmão Charles, o bom carpinteiro que construiu para si uma âncora no Céu e ao Irmão Augustine, o excelente padeiro, cuja morte levou o venerável pe. Sorin a escrever uma das mais belas e encantadoras cartas que circularam entre nós. Espiritualmente e materialmente estes homens têm sido os pilares de nossa vida comunitária. Eles são os verdadeiros medievalistas em nossa era moderna, esta era que perdeu o senso de eternidade. Nós não podemos senão chorar a nossa perda e rezar para que Deus faça surgir

outros em seu lugar. Nosso louvor e apreciação por eles não é reflexo de nenhuma falha em nosso louvor e apreciação por aqueles que estão envolvidos na tarefa de ensinar, liderar e dirigir o trabalho de outros. Simplesmente, esta espécie de trabalho já está coroada de algum reconhecimento humano. Mas o humilde religioso no seu labor manual, feliz como é na paz de sua vida oculta, raramente encontra – e raramente busca – recompensas diferentes daquela que é a bem-aventurança eterna.

Essa é a recompensa que pedimos pelo nosso amado irmão nesta manhã. Nossas palavras são levadas com o vento afora. Tudo é vaidade, exceto amar a Deus e servir apenas a Ele. As opiniões dos homens são modas passageiras, a fama não dura muito, até mesmo a reputação de santidade pode tornar-se fraca e esvair-se no esquecimento. Deus apenas permanece e também o espírito imortal do homem. Para este bom e santo religioso dizemos as orações que são oferecidas por todos os cristãos, sejam eles santos ou pecadores. O resto é com Deus. Há apenas um futuro para todos nós, não um futuro no tempo, pois isto é nada, mas um futuro que é a eternidade. Para este futuro todos nós corremos. Deus permita que nós possamos aprender desta vida humilde e nobre a dar o valor próprio a todas as coisas que nos tocam até que estas coisas atinjam o seu fim. Será que elas atingiram seu fim ou apenas um início mais glorioso na morte do Irmão Columba? Nós não sabemos. Nós sabemos que nós o deixamos seguro na guarda do Sagrado Coração. Que ele descanse em paz e bendito seja Deus em seus santos".

Poucos olhos não revelavam lágrimas naquela igreja tão cheia, mas muitos estavam derramando lágrimas de alegria agora que tinham um entendimento mais profundo da importância da vida e trabalho do Irmão Columba.

Quando a Missa terminou, uma longa procissão trilhou um caminho ao redor do campus, um caminho santificado no falecimento de muitos outros valentes filhos de Notre Dame e de Santa Cruz. A procissão seguiu ao redor do lago, para além da Casa da Comunidade onde, por tantos anos, homens como o Irmão Columba haviam aprendido a morrer, até chegarem à pequena colina daquela terra amada por Deus.

Então uma exceção foi feita aos costumes da Comunidade. O caixão foi aberto outra vez para que aqueles que ainda não tinham conseguido ver seu amado amigo tivessem a oportunidade de fazê-lo e pudessem encostar seus terços e medalhas em suas mãos cansadas.

Quando, por fim, todos tinham saciado a sua devoção, guardando para si uma relíquia como um tesouro, eles então fecharam o caixão, descendo-o até a cova em meio às orações crescentes de seus amigos. Desde o céu, bem próximo aos Corações que ele amava tanto, o Irmão Columba ainda sorri sobre nós. Que nós imitemos o seu exemplo. Que nós nos aproximemos cada vez mais, com José e Maria, do Coração cheio de amor de Jesus.

O FIM